

Moda circular e tecnologias tradicionais: reimaginando peças com o upcycling

*Izabelle François Mozelli Dornelas
Quéfren Trindade de Mesquita Crillanovick*

RESUMO

Este ensaio é uma adaptação do trabalho de conclusão de curso da autora e explora a aplicação de tecnologias tradicionais e upcycling na moda circular, com foco na transformação criativa e artesanal de peças adquiridas em brechós. Os métodos de pesquisa incluem revisão bibliográfica e desenvolvimento prático de uma coleção baseada em *upcycling*. A pesquisa destaca os benefícios ambientais, sociais e econômicos dessas práticas, propondo um processo eficiente para o desenvolvimento de uma coleção de moda mais sustentável.

Palavras-chave: Upcycling; técnicas artesanais; brechós; moda circular; sustentabilidade.

CIRCULAR FASHION AND TRADITIONAL TECHNOLOGIES: REIMAGINING PIECES THROUGH UPCYCLING

Abstract

This essay is an adaptation of the author's thesis and explores the application of traditional technologies and upcycling in circular fashion, focusing on the creative and artisanal transformation of pieces acquired from thrift stores. The research methods include a literature review

and the practical development of a collection based on upcycling. The study highlights the environmental, social, and economic benefits of these practices, proposing an efficient process for developing a more sustainable fashion collection.

Keywords: *Upcycling; artisanal techniques; thrift stores; circular fashion; sustainability.*

MODA CIRCULAR Y TECNOLOGÍAS TRADICIONALES: REIMAGINANDO PIEZAS MEDIANTE UP-CYCLING

Resumen

Este ensayo es una adaptación del trabajo de fin de carrera de la autora y explora la aplicación de tecnologías tradicionales y upcycling en la moda circular, con enfoque en la transformación creativa y artesanal de piezas adquiridas en tiendas de segunda mano. Los métodos de investigación incluyen revisión bibliográfica y el desarrollo práctico de una colección basada en upcycling. La investigación destaca los beneficios ambientales, sociales y económicos de estas prácticas, proponiendo un proceso eficiente para el desarrollo de una colección de moda más sostenible.

Palabras-clave: *Upcycling; técnicas artesanales; tiendas de segunda mano; moda circular; sostenibilidad.*

1. INTRODUÇÃO

A moda circular está se tornando uma resposta às crescentes preocupações ambientais e sociais que envolvem a indústria da moda, tradicionalmente caracterizada pelo consumo excessivo e pelo descarte inadequado de roupas e resíduos. Nesse contexto, o *upcycling* – uma prática que transforma peças de vestuário usadas em novos produtos de maior valor – ganha destaque como uma solução sustentável. Reiner Pilz, um dos pioneiros na discussão sobre *upcycling*, defende que essa prática não apenas ressignifica materiais descartados, mas também prolonga a vida útil das peças, alinhando-se aos princípios da moda circular (Sung, 2015). Desse modo, a coleção cápsula “O Canto da Sereia”, da marca slow fashion Teçà, exemplifica essas práticas sustentáveis ao combinar técnicas artesanais com peças de brechós e resíduos têxteis. Inspirada no folclore brasileiro e na biodiversidade dos recifes de coral, a coleção mescla a história da Iara com o *upcycling* e o bordado, valorizando o conhecimento tradicional. Essa abordagem desafia a ideia de que inovação se limita à tecnologia avançada. Este ensaio tem como objetivo evidenciar o potencial transformador da tecnologia tradicional no desenvolvimento de coleções de moda, utilizando matérias-primas descartadas para reintegrá-las a um novo ciclo de consumo na economia circular.

2. UPCYCLING SEGUNDO REINER PILZ: DESCARTAR MENOS, CONSERTAR MAIS

Formulado pelo arquiteto e ambientalista alemão Reiner Pilz (Kay, Thornton, “Reiner Pilz”, 1994, *apud* por Sung, Kyungeun, 2015), no início da década de 1990 do século XX, o termo *upcycling* tem conquistado espaço na Indústria da Moda e surpreendido o mundo com as diversas possibilidades de transformação de um artigo que perdeu seu apelo de consumo. Usado expressivamente durante a II Guerra Mundial, quando a escassez de materiais têxteis incitou campanhas como a britânica “*How to Make-Do-And-Mend*” (Faça e Conserte) emitida pelo Ministério de Informação, a campanha tinha como principal veículo de divulgação panfletos que ensinavam as pessoas a cobrirem rasgos de roupas com bordados, desfazer peças de tricô velhas para reaproveitamento das linhas e como adaptar peças masculinas para mulheres e crianças. Já na década de 90, durante um período de recessão, a técnica ressurgiu entre os jovens na customização de peças usadas.

Embora oriundo da junção do advérbio inglês *up* (algo de maior valor, número ou nível) com o substantivo, também em inglês, *cycling* (ciclagem), o neologismo cunhado por Pilz se autentica da já conhecida e praticada *reciclagem*, posto que se espera um resultado também de maior valor ao comumente obtido: “A reciclagem eu chamo de ciclagem (...). O que precisamos é *Upcycling*, onde produtos antigos recebem mais valor, não menos” (Pilz, Reiner, 1994, *apud* por Sung, Kyungeun, 2015).

Para além da preocupação com a sustentabilidade, a produção de artigos de moda a partir de outros velhos, antigos, usados ou ainda de resíduos, apresenta-se como alternativa às marcas que prosperaram em cenários críticos, como o ocorrido na pandemia por covid-19. Durante o referido período de quarentena e isolamento social, com fábricas de tecidos e aviamentos fechadas, grifes de luxo, a exemplo da Balenciaga, Alexander McQueen, Dolce & Gabbana e Chloé, precisaram se aventurar nas sobras de materiais de antigas coleções para então, se reinventarem: “O confinamento lembrou-nos que podíamos reutilizar criativamente o que tínhamos, transformando-o e que tudo pode durar para sempre” (Gabbana, Stefano *apud* Ormerod, Katherine, 2021).

Essa iniciativa de *fazer durar* um artigo vestuário é o que permeia o *Slow Fashion*, movimento que objetiva a desaceleração dos mecanismos que regem o mercado da moda através de peças que, ao contrário do *Fast Fashion*, “persistem por mais de uma coleção, com durabilidade e qualidade” (Coutinho, Marina; Kauling, Graziela Brunhari, 2020, p. 6-7). Um dos principais aspectos dessa Moda Desacelerada é o incentivo ao consumo consciente, com a valorização de produtos, cultura e tradições locais que fomentem a inovação e sustentabilidade.

E esse aumento da consciência socioambiental tem levado muitas marcas a usar o marketing verde, associando seus produtos e serviços a uma imagem sustentável,

mesmo que isso não seja refletido em práticas reais. Além disso, o marketing verde muitas vezes torna os produtos mais caros e inacessíveis para grande parte da população, criando uma diferenciação social. A questão central é como verificar a confiabilidade dessas estratégias e combater o ceticismo do consumidor. De Freitas (2020) alerta que confiar apenas em regulamentações locais é arriscado, pois são limitadas e mal aplicadas, mesmo em países desenvolvidos. Uma solução seria a fiscalização contínua das empresas que se dizem ambientalmente responsáveis.

Há, ainda, outra alternativa, menos dispendiosa e mais transparente a respeito de sua trajetória na respectiva cadeia de um artigo vestuário: a moda de segunda mão.

Ao pensarmos nas roupas como modas passageiras, repetimos menos que uma meia-verdade. Os corpos vão e vêm: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem. Elas circulam pelos brechós, pelas feiras de rua e pelos bazares de caridade; ou são passadas de pai ou mãe para filho, de irmã para irmã, de irmão para irmão, de amante para amante, de amigo para amigo” (Stallybrass, 2016, p. 14).

No livro *O casaco de Marx* (Stallybrass, 2016), o autor apresenta outra perspectiva sobre as roupas usadas: a de atemporalidade. Para Stallybrass (2016), esses objetos são dotados de história, pois recebem a marca humana, mas sobrevivem a ela e a efemeridade de nossa própria condição. Embora ainda haja preconceito sobre o consumo de objetos usados, esse é um mercado de emergência relevante no cenário contemporâneo, rico em possibilidades para uma produção de moda mais democrática e responsável nos aspectos social, econômico e ambiental.

Apesar de não ser novidade e ainda apresentar espaço para refinamento, especialmente em peças previamente utilizadas, um questionamento se destaca: “Como desenvolver uma coleção de moda utilizando técnicas de *upcycling* e intervenções artesanais?” Nesse sentido, a proposta deste trabalho visa encontrar soluções para reimaginar essas peças, transformando-as em itens sofisticados e desejáveis por meio de bordados com pedrarias, *upcycling*, pontos manuais e resíduos têxteis.

2.1 Teçà e descrição da solução

A Teçà (Figura 1) é uma marca/ateliê de slow fashion que ressignifica peças de segunda mão por meio de intervenções artesanais e *upcycling*. Criada durante a pandemia, em 2019, a marca foi reconstruída pela autora deste trabalho a fim de transmitir uma imagem que agregasse amadurecimento, sofisticação e criatividade. A necessidade de evocar brasilidade através de uma mística ligada ao folclore e a natureza se sobressai e se expressa por meio da escolha do nome Teçà, traduzido do Tupi Guarani como “olhos atentos”.



Figura 1 Logo e identidade visual da Teça.

Fonte: acervo da autora (2023).

É nesse sentido que se pode pensar na associação do valor agregado pela marca a partir da prática do bordado livre e *upcycling*, onde os *olhos atentos* da designer ressignificam peças descartadas e esquecidas, tornando-as itens exclusivos e aumentando sua vida útil no mercado.

Com foco na sofisticação e no trabalho manual, a marca se destaca como uma alternativa sustentável no mercado da moda, criando peças limitadas e únicas que contam histórias. A coleção “O Canto da Sereia” deriva-se, portanto, dessa iniciativa, objetivando uma solução para o consumo excessivo e o descarte inadequado de roupas.

2.1.1 O canto da sereia

Nesta etapa, buscou-se desenvolver uma coleção cápsula a partir de peças de segunda mão, com intervenções artesanais como o bordado livre e com pedrarias e o ponto capitonê. Para além disso, a aplicação da técnica *upcycling*, com pretensão da menor interferência possível na modelagem a fim de otimizar o tempo de confecção de cada modelo.

Elegeu-se, em seguida, o conto da Iara enquanto delimitador do processo criativo da coleção. Sob esse viés, Casemiro (2012) contextualizou a relevância da mística

popular durante o século XIX, quando o nacionalismo romântico era manifestado principalmente através da literatura. Nesse sentido, “o canto popular, que nasce das camadas inferiores, é a primeira segmentação da vida de uma nacionalidade, o despertar do automatismo consciente e livre das nações” (Morais Filho *apud* Casemiro, 2012, p. 16).

Embora a Iara seja uma preciosa integrante do folclore brasileiro, a premissa da lenda também foi encontrada no imaginário europeu, sobretudo, lusitano, onde é conhecida como a moura encantada. Para este trabalho, no entanto, foi utilizada a Iara do folclore tradicional da região amazônica, em que a criatura, metade mulher e metade peixe, Iara, mãe d’água, atrai pescadores e demais desavisados para o fundo das águas com o seu canto de sereia mavioso e sua beleza irresistível.

Observa-se, através da Figura 2, quatro elementos significativos para o processo criativo da coleção: a criatura Iara, o peixe bodião-limpador (*Labroides dimidiatus*), o recife de corais e o *upcycling*:

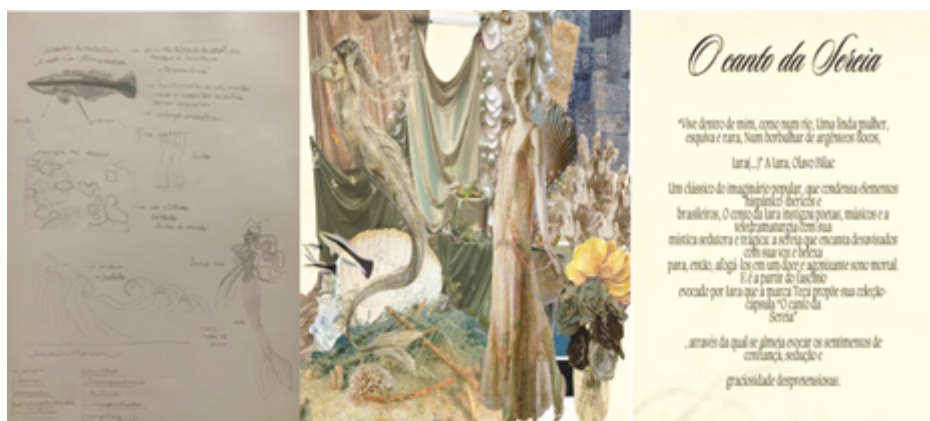


Figura 2 Brainstorm e Moodboard da coleção O Canto da Sereia.

Fonte: acervo da autora, 2023.

A sereia Iara em destaque, para além da mística, remete ao encanto do ser que administra e cuida do espaço, atenta às dissimulações do homem e pronta para seduzi-lo e afogá-lo ao menor sinal de invasão. O peixe bodião-limpador, por sua vez, comum nas áreas de recife de coral, é um especialista em limpeza, cultivando uma relação mutualística com outros peixes. Outro fato interessante sobre o bodião é a sua capacidade de identificar a própria imagem em um espelho, tornando-o um símbolo de consciência espacial. Em seguida, o recife de corais, que constitui o habitat marinho mais biodiverso do planeta, são formações rígidas que “reutilizam” o cálcio presente na água. E nessa mesma linha de reciclagem, o *upcycling* enquanto destaque para as transformações propostas pela coleção.

2.1.2 Desenvolvendo a coleção

A coleção cápsula O canto da sereia buscou sua coerência em uma paleta de cor mais sóbria, brincando com tons de verde musgo desbotados, como se fossem fotografados de dentro de um lago, cetim perolado, jeans com lavagem desgastada, transparência e bordados com pérolas, lantejoulas e paetê. E para além das cores, o aspecto vintage se sobressai por meio de silhuetas que realçam e valorizam as curvas, com modelagens características para esse propósito, a exemplo do corset. Calcula-se que o tempo utilizado no processo de bordado das peças foi somado em torno de 200 horas. O release da coleção pode ser conferido nas Figuras 3, 4, 5 e 6:



Figura 3 Esboço da coleção.

Fonte: acervo da autora (2023).



Figura 4 Detalhes em foco.

Fonte: acervo da autora (2023).



Figura 5 Bolsa Bodião.

Fonte: acervo da autora (2023).



Figura 6 O canto da sereia.

Fonte: acervo da autora (2023).

Composta por itens adquiridos em brechós, a coleção utiliza técnicas como bordado e costura manual para agregar valor estético e funcional, refletindo a individualidade de cada peça. A blusa de renda foi um grande achado nos garimpos de brechó, com seu grande potencial para intervenção com bordado em pedrarias. O zíper das costas foi substituído por fitas de cetim para um efeito mais delicado. Os bordados buscaram retratar o recife de corais com uma textura diversificada através de pérolas de 2, 4, 6 e 8 mm, lantejoulas e paetês.

A calça jeans tamanho 42, por sua vez, foi descosturada a fim do maior aproveitamento possível de tecido para a confecção da bolsa bodião e do corset. O cóis também foi aproveitado no fecho da bolsa. A priori, foi realizada a modelagem das peças e seleção de aviamentos. O corset foi pensado para ser utilizado tanto do lado direito (calça jeans azul) quanto do avesso (retalho de jeans branco), buscando maior versatilidade e ergonomia através do ajuste *lacing*. Foi então costurado e depois acrescentado o broche removível de laço bordado, também feito com retalhos da calça.

A bolsa, por sua vez, foi bordada e então, costurada. A princípio, ao invés das lantejoulas de plástico para simular as escamas do peixe bodião, seriam utilizadas lantejoulas feitas de garrafa pet, coletadas, higienizadas e então, cortadas e modeladas em discos de aproximadamente 1cm de diâmetro. O acabamento seria feito com um isqueiro para aparar as bordas e uma agulha quente para furar e permitir a passagem da linha de costura. No entanto, o prazo não foi suficiente para a finalização desse material, mas a ideia será utilizada nas próximas coleções a fim de viabilizar um caminho muito mais coerente em sustentabilidade para todo o processo e resultado final.

Voltada para consumidores criativos e conscientes, a coleção está pronta para ser lançada em um formato híbrido, combinando vendas online e eventos presenciais, como feiras de moda sustentável. Essa estratégia visa não apenas atingir o público-alvo, mas também educar sobre as possibilidades do upcycling e promover práticas de consumo mais responsáveis.

Um dos principais desafios foi adaptar técnicas a materiais reciclados, que variam em textura, durabilidade e qualidade, a um tempo hábil e otimizado de produção. Como exemplo, cita-se a bolsa bodião, confeccionada a partir de calça jeans e bordado com pedrarias. Para superar isso, desenvolveu-se uma metodologia flexível, permitindo ajustes nas técnicas de bordado e costura para diferentes tecidos, agregando valor estético sem comprometer a integridade das roupas recicladas. A experiência também destacou a importância de parcerias com artesãos especializados, trazendo expertise e inovação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleção “O Canto da Sereia” exemplifica uma abordagem para a moda circular, integrando upcycling e técnicas artesanais para transformar roupas descartadas em produtos de valor duradouro. Ao integrar sustentabilidade e inovação, a Teçã reafirma seu compromisso com uma moda duradoura, oferecendo uma alternativa significativa ao fast fashion. A proposta desta coleção não apenas responde às necessidades atuais de consumo consciente, mas também se posiciona como um modelo para o futuro da moda sustentável, que valoriza tanto os recursos materiais quanto as tradições culturais e o trabalho manual.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, A. Q.; RECH, S. R. Considerações sobre moda, tendências e consumo. *IARA, revista de Moda, Cultura e Arte*. 2010; 3(3):172-198.
- COUTINHO M., KAULING, G. B. Fast fashion e slow fashion: o paradoxo e a transição. *Revista Memorare*. 2020; 7(3):83-99. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupeg/article/view/10211/5495. Acesso em: 15 jan. 2024.
- D'ALESSANDRO, A. The evolution and history of Upcycling: from the 40s to nowadays. *Revibe Magazine*. April 2022. Disponível em: <https://www.revibe-upcycling.com/blog/fashion/the-evolution-and-history-of-upcycling>. Acesso em: 23 maio 2023.
- KIM I., JUNG, H. J., LEE, Y. Consumers' value and risk perceptions of circular fashion: Comparison between secondhand, upcycled, and recycled clothing. *Sustainability*. 2021; 13(3):1208. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/13/3/1208>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- SUNG, K. A review on upcycling: Current body of literature, knowledge gaps and a way forward. 2015. Disponível em: <https://dora.dmu.ac.uk/server/api/core/bitstreams/dbc1f56f-6037-40c5-8528-098f9c4e0c29/content>.
- The Business Research Company. Fast Fashion Global Market Report 2023. January 2023. Disponível em: <https://www.thebusinessresearchcompany.com/report/fast-fashion-global-market-report>.